

GRAMPO RESENHAS #11

__outubro de 2016

Inconfissões – fotobiografia de Ana Cristina Cesar, org. Eucanaã Ferraz
[São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2016]

UM CONVITE À CÂMARA CLARA por Heleine Fernandes

Dentre os lançamentos editoriais impulsionados pela FLIP 2016, que homenageou a poeta Ana Cristina Cesar, está *Inconfissões*, fotobiografia organizada pelo também poeta Eucanaã Ferraz. O livro traz um material inédito de fotografias, mesclado a outras imagens já conhecidas, documentos diversos, manuscritos, além de textos de outros autores, produzidos especialmente para esta edição. A publicação é do Instituto Moreira Salles, que atualmente detém o arquivo da poeta. Diferente dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, produzidos por esta instituição, a fotobiografia propõe uma abordagem crítica e icônica singular para mover-se no campo minado que se tornou a recepção desta obra.

A primeira coleção de fotos de Ana Cristina foi publicada dois anos após seu suicídio, junto ao livro póstumo *Inéditos e Dispersos*, organizado por Armando Freitas Filho, a família Lenz Cesar e amigos próximos. Nela, diversas imagens, desde a infância até a idade adulta, traçavam cronologicamente a trajetória da criança prodígio, marcada para escrever desde os primeiros gestos da vida, fadada a um destino trágico que culminou no mito romântico da jovem genial e suicida. Esta

narrativa mítica se revelou extremamente poderosa e daninha à recepção do texto poético de Ana C., que questiona e redefine os conceitos de autor, obra e as relações entre escrita e vida. Armando F. F., na introdução ao *Inéditos e Dispersos*, em tom fúnebre, diz pretender “um arremedo de resgate e consolo para que, num âmbito mais amplo, a ausência de Ana Cristina permaneça viva através de seu texto emocionante”. Essa ancoragem do texto na imagem da poeta morta tornou cada vez mais difícil o acesso à escrita vivaz e dinâmica, de navios no espaço e adolescências irrecuperáveis, produzida por ela. A divulgação dos materiais do arquivo veio acompanhada desta narrativa monocórdica, por vezes driblada em publicações como *Antigos e Soltos*, feita pela pesquisadora Viviana Bosi, e o caderno de desenhos *Portsmouth-Colchester*, ambas obras esgotadas e sem reedição.

Eucanaã F., no prefácio à edição, coloca de maneira cuidadosa o seu modo de atravessar e dialogar com essa narrativa criada pelos detentores do arquivo. Diz que “O fotobiógrafo depende de muitos narradores que vieram antes dele” e que “Biografar talvez seja pactuar com certa mitologia”. Esse “talvez” é

o que garante à publicação uma pulsação de vida, que supera os signos congelados. Desta vez o organizador é alguém que não conheceu a poeta em vida, para quem o texto em si delinea um rosto complexo e multifacetado, cheio de sombras e nuances. Leonardo Gandolfi, um dos convidados para escrever sobre uma das fotografias da coleção, descreve justamente esse efeito, de ver na imagem da poeta a imagem de um texto povoado por diferentes rostos, de identidades trocadas ou perdidas: “Em primeiro plano, os personagens da foto. Alguns podem ser identificados: Katherine Mansfield, Jorge de Lima, Billie Holiday, Drummond...”. Desde essa perspectiva distanciada, o fotobiógrafo tem mais recursos para fazer circular outras leituras a partir do arquivo, revitalizando-o. *Ma non troppo.*

Ao mesmo tempo que as fotografias são colocadas como signos vazios cujo sentido será criado pela leitura, sempre parcial, a edição opta por uma proliferação de vozes que não suprime a narrativa do mito, antes se põe em negociação com ela. Assim soam em faixas paralelas narrativas contraditórias a respeito das imagens e da obra a que se associa o nome de autora.

Se pela primeira vez surgem fotografias de uma Ana Cristina francamente andrógena – sem deixar de destacar a indiscreta caricatura de Loredano associada à crônica de Caio Fernando Abreu, apenas mencionada –, também são publicadas as mesmas fotografias de uma Ana aos 4 anos vestida de anjo, aos 2 anos fazendo rabiscos, dócil e obediente em trajes escolares. Aliás, a contradição é tão flagrante que não resiste à anunciada inversão da ordem cronológica das fotos, cuja tentativa era de seguir a trilha indicada pelos versos de epígrafe ao prefácio: “Eu era menina e já escrevia memórias, envelhecida./ O tempo se fazia ao contrário”. As fotografias da primeira infância da poeta aparecem em abundância, cruzando o livro de cabo a rabo

como um fantasma resistente, desde a 1ª folha de guarda, até a quarta capa, emoldurando as imagens da mulher adulta. No entanto, há algumas boas surpresas, como um texto em que Ana C. expressa incômodo com sua participação em uma matéria consagratória da revista *IstoÉ* ou ainda alguns poemas nada geniais publicados aos 9 anos na revista da Igreja Metodista.

A fotobiografia ganha quando consegue trapacear o mito, burlando a lógica linear da narrativa através de uma sintaxe dispersiva que convida o leitor a criar relações entre os textos e as imagens. Aliás, é muito prazeroso ver a contiguidade da caligrafia e da fotografia ali, como se uma fosse a metonímia da outra. A ideia mais acertada dessa organização de Eucanaã foi transformar a construção dessa narrativa sobre a vida da poeta em um jogo de cartas menos marcadas. Foram convidados poetas, críticos e os já bastante conhecidos amigos de Ana Cristina (a não ser pela participação de Christopher Rudd, um de seus ex-namorados) para escolherem algumas das fotos pré-selecionadas a fim de que “cada um a seu modo, inventa[sse] com seus olhares o tempo presente destas imagens”. Em sintonia com o desejo da leitora no poema de Angélica Freitas, publicado pela Folha de S. Paulo, apaixonada pela escrita e rastros da vida de Ana C., ansiosa por uma biografia que contasse “o que mais houve/ para darmos visões novas ao nosso amor/e novos cenários ao nosso tesão/ torcendo para saber que outras bocas ela beijava/ porque afinal são sempre as nossas”.

O título da fotobiografia remete a uma série de poemas, publicada postumamente, chamada “Diário não diário ‘INCONFISSÕES’”. Esse *tópos* da invenção da subjetividade – e não da explicação da vida ou do fim dela – é um convite que se endereça aos leitores. As imagens que nada confessam apelam ao jogo amoroso e ficcional. Uma narrativa do prazer do texto.